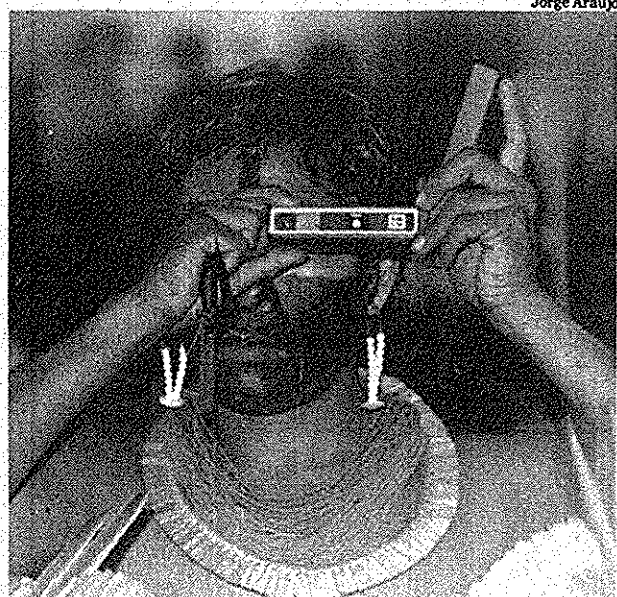


ENCONTRO INDÍGENA

Texto de índios prevê controle de devastação

Cerca de 300 índios de 20 tribos presentes ao 1º Encontro das Nações Indígenas do Xingu, que terminou ontem em Altamira (PA), elaboraram a "Declaração Indígena de Altamira". O documento prevê a supervisão de ações do governo relacionadas à construção de hidrelétricas e à destruição da Amazônia. Após a divulgação do documento, os índios iniciaram uma "dança da alegria". Os representantes do governo presentes insistem na construção da hidrelétrica de Carará, rejeitada pelos índios.

PÁG. C-4



Jorge Araújo

Índio fotografa a entrega da declaração de Altamira

Índios encerram reunião com 'Declaração de Altamira'

Da Redação

Os índios brasileiros, cujos representantes se reuniram durante toda a semana em Altamira (461 km a oeste de Belém) para o 1º Encontro das Nações Indígenas do Xingu, "vão vigiar as ações do governo" para lutar contra a destruição da Amazônia diante da construção de usinas hidrelétricas. A afirmação está contida na "Declaração Indígena de Altamira", elaborada por 300 índios de 20 tribos, e foi divulgada ontem por Paulo Payakan, cacique da tribo caiapó, durante uma das reuniões do encontro, que se encerrou ontem.

Imediatamente após a divulgação do texto, os índios iniciaram uma "dança da alegria", empunhando bordunas, lanças, arcos e flechas. Divulgado em língua caiapó, o texto da declaração alerta para a necessidade de "respeitar a natureza e evitar a destruição das florestas e rios". O encontro de Altamira foi realizado para formalizar o protesto contra a construção da usina hidrelétrica de Carará —que inundará 1,2 mil km² de uma área onde existem diversas tribos— e contou com a participação de índios canadenses e norte-americanos, além da

cobertura maciça da imprensa estrangeira.

Para comemorar o término do encontro, estava programado para ontem à noite a "Festa do Maiz", tradicional ritual caiapó que simboliza abundância. Apesar de uma manifestação de aproximadamente três mil pessoas ocorrida ontem, as autoridades do governo presentes ao encontro insistem na determinação de construir a usina. Os índios não participaram dessa manifestação sob o argumento de que "essa forma de protesto pertence aos homens brancos", segundo afirmação de um cacique txucarramãe. Os parlamentares presentes se limitaram a distribuir uma carta aberta à população, divulgada ontem, na qual convocam "todos os povos indígenas e a sociedade brasileira a aprofundar o debate sobre a construção da usina e sobre a política de ocupação da Amazônia em geral".

Os índios brasileiros, à época do descobrimento, eram cerca de cinco milhões, distribuídos principalmente pelo litoral, mas existentes também no interior do país. Hoje, depois de quase 500 anos, a população indígena não ultrapassa 200 mil, sendo que a maioria das tribos ainda não atingi-

das pelo processo de aculturação se concentra nas regiões centrais como a Amazônia.

A seguir, a íntegra da "Declaração Indígena de Altamira", divulgada ontem:

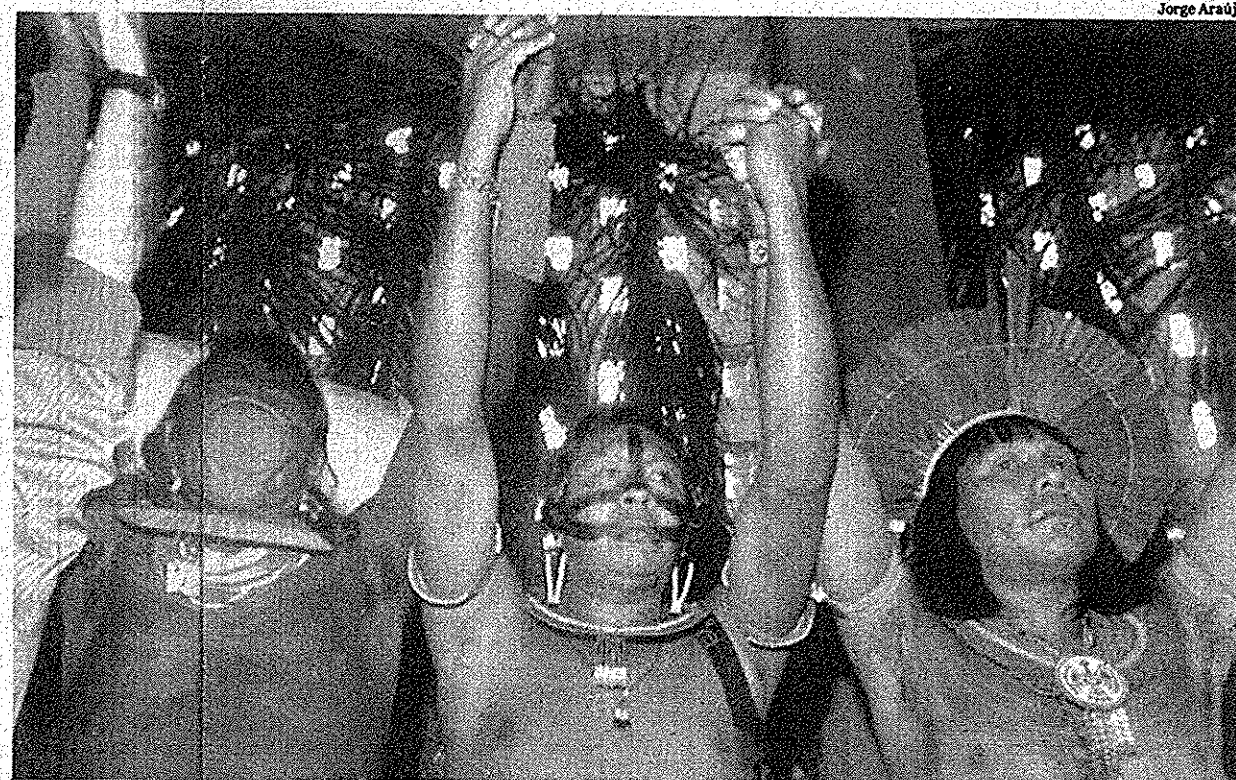
"As nações indígenas do Xingu, junto com parentes de muitas regiões do Brasil e do mundo, afirmam que é preciso respeitar a nossa Mãe Natureza.

Aconselhamos não destruírem as florestas, os rios, que são nossos irmãos.

Decidimos que não queremos a construção das barragens no rio Xingu e em outros rios da Amazônia, pois ameaçam as nações indígenas e os ribeirinhos.

Durante muito tempo o homem branco agrediu nosso pensamento e o espírito dos nossos antigos. Nossos territórios são os sítios sagrados do nosso povo, morada do nosso criador, que não podem ser violados.

Neste encontro dos povos indígenas do Xingu decidimos vigiar as ações do governo para impedir mais destruição, juntar forças com o Congresso Nacional e com o povo brasileiro, para juntos protegermos essa importante região do mundo, nossos territórios."



Jorge Araújo

Os índios Raoni, Kube-I e Payakan (a partir da esq.) consagram a "Declaração de Altamira"